

PERSPETIVAS PSICODINÂMICAS DO FILME *JOKER*: VINCULAÇÃO INSEGURA, FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E OMNIPOTÊNCIA



Pedro Barbosa*, Mariana Remelhe*, Lúcia Ribeiro*

*Serviço de Psiquiatria, ULS Gaia/Espinho

Neste trabalho explora-se o filme *Joker* (2019) e, através de uma visão psicodinâmica, abordamos a transformação de Arthur Fleck no Joker, a icónica personagem de banda desenhada. O filme retrata vida deste, marcada por uma infância traumática e uma relação disfuncional com a mãe, Penny Fleck. Esta reforçava e incentivava Arthur a "sorrir e ser feliz", embora ela própria o tivesse negligenciado e permitido abusos por parte de um antigo parceiro (algo que Arthur não se recordava). Penny idealiza o poderoso bilionário de Gotham, Thomas Wayne, para quem já trabalhou, e alega que este é o pai de Arthur.

Arthur vive uma vida de isolamento social, sendo Thomas Wayne a personificação de tudo o que está errado na sociedade, na sua desigualdade, reforçando o sentimento de rejeição e abandono. O confronto com a realidade de que não é filho de Thomas Wayne e de que a mãe teria uma doença mental, reaviva as memórias traumáticas e confronta-se com a sua falsa visão idealizada da mãe, que culmina no homicídio desta.

Ao longo do filme, verifica-se uma fuga de Arthur para um mundo fantasioso de grandeza, em que aspira ser um comediante de sucesso, adorado por todos. Murray Franklin, um comediante idolatrado por Arthur, representa uma figura paterna idealizada. Arthur fantasia com a aprovação de Murray, contudo vê-se deparado com uma humilhação pública deste, que apresenta um vídeo de atuação vergonhosa de Arthur como comediante. A sua desilusão culmina no homicídio público de Murray, deixando-o numa situação de isolamento e sem figuras de referência, que o rejeitaram, que catalisa a sua transformação no Joker.

TEORIA DE VINCULAÇÃO: privação materna e consequente ausência de adequada estrutura de holding e traumas perpetuados na infâncias impossibilitou a introjeção de modelos operantes saudáveis do self, condicionando um self pouco coeso e com frágeis esquemas mentais e mecanismos de autoregulação >> desenvolvimento de uma visão clivada do mundo de natureza paranoide.

PERSPETIVA CLÁSSICA: a ausência de contacto inicial com a sua infância traumática = mecanismo de defesa de negação, que lhe permite manter alguma estabilidade interna, embora à custa de constantes conflitos e compulsão à repetição. Thomas Wayne pode ainda ser observado à luz da teoria edipiana, onde Arthur compete com este pela posse da mãe, realçando a angústia de castração cuja única solução passa pela destruição de Thomas Wayne. Ao longo do filme, com maior contacto com o real, verifica-se um fortalecer da pulsão de morte e culmina na transformação no Joker.

TEORIA DA RELAÇÃO DE OBJETOS: Arthur tem a tendência para funcionar na posição esquizo-paranoide, com constantes angústias de aniquilamento, privilegiando o recurso a mecanismos de defesa primitivos como a clivagem, projeção e idealização. Verifica-se uma clivagem da imagem da mãe em objetos parciais e projeção do objeto mau “seio mau” na sociedade que rejeita. O conceito de inveja pode ser aplicado quando comete o homicídio de Murray, pela sua incapacidade de tolerar um objeto bom que não controla, sendo aqui a destruição deste objeto a única solução.

PERSPETIVA DE FAIRBAIRN: quando Arthur se vê humilhado por Murray, o ego anti-libidinal vê-se reforçado e como forma de defesa acaba por se sobrepor ao ego central e libidinal, algo que ficou evidenciado na sua resposta a Murray “és igual aos outros”.

Esta história permite assim retratar não só o impacto no adulto de traumas infantis e inadequado holding das figuras de vinculação, como precursor de um self pouco coeso, difusão identitária e recurso a mecanismos de defesa imaturos que, perante grandes adversidades, culminam num modo de funcionamento caótico.

Referências: 1) Mitchell SA, Black MJ. Freud and Beyond: A History of Modern Psychoanalytic Thought. Basic Books; 2016. 2) McWilliams N. Psychoanalytic Diagnosis, Second Edition: Understanding Personality Structure in the Clinical Process. Taylor & Francis Group; 2020. 3) Gabbard GO. Psychodynamic Psychiatry in Clinical Practice. American Psychiatric Association Publishing; 2014. 4) Clarke GS, Scharff DE. Fairbairn and the Object Relations Tradition. Taylor & Francis Group; 2014.